MARGEM 37 — ACERVO FUNDADOR (2021)

O CATÁLOGO DAS COISAS AUSENTES

Contos e Crônicas do Realismo Urbano e da Memória Portuária

ARTHUR PENDELTON

Edição de 2021

MARGEM 37

PARA HISTÓRIAS À PROCURA DE UMA MARGEM

O CATÁLOGO DAS COISAS AUSENTES

Notas sobre o que o tempo esqueceu nas gavetas da cidade portuária

> *"Nenhum objeto desaparece por completo. Ele apenas atinge um grau de silêncio tão profundo que passa a habitar as frestas entre a mobília e o assoalho."*
>
> **— Nota de Arquivo, 2014**

NOTA DO AUTOR (2021)

Esta coletânea reúne registros recolhidos ao longo de meus primeiros anos junto às estantes de conservação documental na cidade fria do litoral sul. Na época, antes de iniciar ensaios teóricos mais amplos sobre a linguagem e os autômatos, o meu ofício limitava-se a inventariar o que parecia irremediavelmente perdido: recibos rasgados, chaves sem fechadura correspondente, cartas de amor cujos destinatários mudaram de endereço antes do carimbo postal, e diários de infância abandonados em bancos de praça sob a neblina.

Os textos que compõem este volume não pretendem resolver o mistério da ausência; pelo contrário, buscam dar abrigo a esses pequenos vestígios que insistem em retornar quando o dia clareia e o silêncio do arquivo cede lugar ao rumor distante das marés.

SUMÁRIO

I. O GAVETEIRO	O Inventário das Chaves Sem Porta	Págs. 4–7
II. O PORTO	A Carta Não Entregue de Outubro	Págs. 8–11
III. A NEBLINA	O Relógio Parado na Estação Velha	Págs. 12–15
IV. O APÊNDICE	Fragmentos de um Arquivo Menor	Págs. 16–20

> *"Guardar documentos antigos não é um ato de nostalgia; é um exercício de reconhecimento de que o presente é apenas o estrato superior de uma ruína muito bem organizada."*

CAPÍTULO I: O INVENTÁRIO DAS CHAVES SEM PORTA

Na gaveta número quarenta e dois do balcão de devoluções da biblioteca municipal, havia uma coleção heterogênea de pequenos pedaços de metal oxidado que ninguém jamais reclamara. Eram chaves de latão escuro, chaves de ferro fundido com dentes rombudos, pequenas chaves de armário com cabeças em formato de trevo e chaves Yale modernas que traziam arranhões profundos na pintura azul.

Quando assumi o cargo de conservador, perguntei ao meu antecessor o que devíamos fazer com aquele depósito clandestino. Ele olhou para mim por cima dos óculos de aros metálicos e respondeu sem pressa: *"Não descarte nenhuma. Uma chave sem porta não é um objeto inútil; é apenas uma promessa cujo endereço foi esquecido pelos deuses da cidade."*

Passei as noites de outono de 2021 a catalogar cada uma delas. Anotava o peso exato em gramas, o teor de oxidação do metal, o sentido do rebaixo e a tonalidade da pátina acumulada pelo uso. Era um trabalho estéril para quem buscasse utilidade prática, mas profundamente reconfortante para quem compreendia o ritmo da penumbra.

Registro de Ficha 104-B:
Chave de fenda dupla, 4,2 cm de comprimento, proveniente do lote recolhido no cais do porto em novembro. Sem correspondência em nenhuma fechadura municipal ativa.

O que fascinava naqueles pequenos pedaços de metal era a sua capacidade de evocar portas invisíveis. Quem perde uma chave raramente chora pela perda do objeto em si; o que se chora é a perda do acesso. A chave guardada na gaveta do arquivo transformava-se em um monumento em miniatura à frustração cotidiana.

Certa noite, por volta das três horas da manhã, experimentei inserir uma das chaves antigas de ferro na fechadura de um armário de carvalho que estava emperrado havia décadas no canto da sala de restauro. Para minha surpresa absoluta, a chave girou com um estalo seco, quase doloroso no silêncio da sala.

Abri a portinhola com cautela, esperando encontrar documentos perdidos de gestões centenárias. Dentro, encontrei apenas um maço de papéis em branco, perfeitamente alinhados, cobertos por uma fina camada de poeira prateada. Nem uma linha escrita. A chave abria a porta para o nada — ou melhor, abria a porta para o espaço exato onde o tempo ainda não havia começado a escrever.

§ § §

Fechei o armário lentamente, deixei a chave na fechadura e voltei à minha mesa de trabalho. Compreendi ali que o verdadeiro arquivo não guarda segredos revelados, mas protege o direito das coisas permanecerem ausentes.

Com o passar dos meses, o inventário das chaves sem porta tornou-se o meu refúgio predileto nas madrugadas chuvosas. Cada peça metálica traz consigo uma história potencial que nunca seria narrada em romances ou relatórios oficiais.

Houve a chave com um pequeno pingente de cortiça que pertencia, segundo deduzi pelos registros de entrada de leitores de 1982, a um velho marinheiro que costumava adormecer sobre os atlas geográficos na mesa de canto. E houve também a pequena chave de gaveta de escritório encontrada no bolso de um casaco esquecido no cabideiro durante o rigoroso inverno de 1995.

Reflexão do Conservador:
"As cidades costeiras são construídas sobre fundações de umidade e esquecimento. As chaves que perdemos são os anzóis com que tentamos pescar de volta o que a maré alta levou."

Quando fechei o primeiro caderno de notas dedicado a este inventário, percebi que a minha vocação não era a de um burocrata do passado, mas a de um curador de vazios. O metal enferrujado continuava ali, mudo e inútil para qualquer fechadura do mundo moderno, mas carregado de uma dignidade silenciosa que nenhuma modernidade conseguira apagar.

O encerramento do primeiro ciclo de inventário das chaves coincidiu com a chegada das primeiras chuvas fortes de novembro de 2021. A umidade do porto subia pelas paredes de pedra da biblioteca, fazendo com que o cheiro de celulose envelhecida se tornasse denso e quase palpável.

Coloquei a última chave catalogada em sua caixinha de papelão forrada com veludo desbotado. Sobre a etiqueta, escrevi com letra firme e pausada: *"Lote 09 — Sem porta, sem dono, sem pressa."*

As chaves não precisavam abrir nada para cumprir o seu destino. O seu único propósito agora era testemunhar que alguém, em algum momento daquela cidade fria, havia girado um segredo no miolo de uma porta e, ao retirar o metal, deixara para trás um pedaço do próprio tempo.

§ § §

Com o gaveteiro fechado, desliguei a luminária de mesa e olhei através da vidraça embaçada. As luzes distantes dos navios no canal piscavam na neblina como pontos de interrogação suspensos sobre a escuridão do mar.

CAPÍTULO II: A CARTA NÃO ENTREGUE DE OUTUBRO

Entre os maços de correspondência comercial resgatados do porão da antiga alfândega em ruínas, encontrei um envelope pardo amarelado, selado com lacre de cera vermelha já quebrado pelo tempo. Datava de meados de outubro de mil oitocentos e noventa e sete.

O endereço do destinatário estava parcialmente ilegível devido a uma mancha de umidade que corroera o canto inferior direito do papel de linho. Dizia apenas: *"Aos cuidados de Clara, na casa de telhado verde próxima ao farol velho."*

Naquela época, o farol velho já havia sido demolido para dar lugar aos armazéns de trigo do porto moderno. Clara era um nome comum demais em uma cidade portuária repleta de famílias de imigrantes escandinavos e pescadores açorianos.

Abrir a carta não exigiu esforço moral excessivo; os cem anos de distância temporal transformaram o endereço privado em documento público, um fóssil de afeto abandonado na areia da história.

O texto foi escrito com pena de metal e tinta ferrogálica, cujos traços escuros haviam adquirido um tom castanho-avermelhado com a oxidação:

> *"Clara, o navio partirá na madrugada de quinta-feira, quer o vento ajude ou nos jogue contra os recifes do sul. Não espere por mim na ponte de madeira. Se eu voltar, trarei nos bolsos o sal suficiente para salgar nossas lembranças; se não voltar, saiba que o meu silêncio será apenas a continuação desta carta que nunca terei tempo de terminar."*

A carta não continha assinatura. Apenas uma inicial solitária no rodapé: um estilizado *'J'*, traçado com um floreio elegante que denunciava uma educação formal incompatível com a rudeza dos marinheiros habituais daquela costa.

O que aconteceu com o tal *'J'* e com a misteriosa Clara? Os registros de embarque daquele outono de 1897 registram a saída da barcaça *Santa Eulália* rumo aos portos do norte, mas o navio jamais chegou ao destino. Desapareceu em meio a uma tempestade de equinócio que deixou a cidade sem luz e sem notícias por três semanas consecutivas.

Passei a noite inteira examinando a caligrafia daquela carta sob a luz direta da luminária de filamento. Havia naqueles traços uma urgência que o tempo não conseguiu esfriar. A tinta oxidada parecia pulsar com o eco de uma despedida que nunca encontrou desfecho.

Na manhã seguinte, em vez de arquivar o documento na caixa padrão de papéis comerciais do século XIX, decidi colocá-lo sobre a minha mesa de cabeceira, em casa. Um erro grave para um arquivista rigoroso, mas perfeitamente compreensível para quem já havia aprendido que certas cartas exigem companhia humana para não se dissolverem na umidade do ar.

O Destino dos Papéis Órfãos:

Documentos sem destinatário ativo tornam-se órfãos de sentido. Cabe ao leitor solitário adotá-los temporariamente para que continuem significando.

Durante semanas, toda vez que olhava para o envelope pardo sobre a madeira escura da mesa, imaginava a tal Clara esperando à janela do farol velho, observando a espuma cinzenta do mar rebentar contra os pilares do cais, sem saber que a carta que explicaria tudo repousava no fundo de uma mala resgatada um século depois.

O ciclo da carta encerrou-se no dia em que decidi levá-la de volta ao acervo oficial, mas desta vez protegida por uma película livre de ácido e acondicionada em uma pasta de papel neutro com visor transparente.

Coloquei-a na estante dedicada aos testemunhos marítimos locais, bem ao lado dos relatórios de naufrágio de 1898. Quem visitar o arquivo e abrir aquela gaveta no futuro poderá ler as mesmas palavras escritas pelo misterioso *'J'* na véspera de sua partida.

§ § §

A carta não foi entregue a Clara, mas encontrou um refúgio permanente entre as margens do papel e o olhar dos que ainda se importam com o destino dos navegantes ausentes.

CHAPTER III: O RELÓGIO PARADO NA ESTAÇÃO VELHA

Na antiga estação ferroviária do norte da cidade — desativada desde o final da década de setenta —, o relógio de parede de mogno e vidro biselado permaneceu por quarenta anos marcando exatamente 3:14 AM.

Não se tratava de uma falha mecânica simples, mas do resultado deliberado de um piquete de ferroviários que, na madrugada do fechamento definitivo da linha, cortaram a corda principal do maquinário e esconderam a chave de acionamento em algum lugar sob o assoalho da bilheteria.

Quando a prefeitura cedeu o prédio abandonado para abrigar temporariamente o excedente de arquivos históricos da biblioteca municipal, fui encarregado de vistoriar a sala de bilheteria antes que os maços de documentos fossem descarregados.

O ar cheirava a carvão mineral antigo, graxa endurecida e poeira acumulada. No alto da parede de pinho, o relógio mudo parecia vigiar o recinto com uma severidade melancólica.

Aproximei-me da parede com uma lanterna de bolso. Os ponteiros de metal escuro apontavam com precisão cirúrgica para as três e catorze da manhã, o momento exato em que a última locomotiva a vapor apitou pela última vez antes de recolher-se ao pátio de manobras.

Fiquei ali por longos minutos, ouvindo apenas o gotejar da chuva que se infiltrava pelo telhado de telhas francesas quebradas. Em uma cidade onde tudo parecia mudar de lugar ao sabor das crises econômicas e do avanço do porto comercial, aquele relógio congelado exercia uma estranha função de âncora temporal.

A Imobilidade do Tempo:
Parar um relógio não é tentar voltar ao passado; é recusar-se a aceitar que o presente tenha o direito de apagar o que aconteceu na penumbra.

Os técnicos da prefeitura sugeriram a remoção do relógio para restauro e reinstalação no museu municipal. Opus-me formalmente à medida. Argumentei no relatório de conservação que a imobilidade daquele mostrador era parte integrante do patrimônio documental do edifício.

O relógio permaneceu na parede da antiga estação, mesmo quando os armários de aço com os papéis do século XX tomaram conta da sala de espera dos passageiros.

Toda vez que eu entrava no pavilhão para supervisionar a organização dos maços, meus olhos desviavam automaticamente para o mostrador. 3:14 AM. Era a hora em que os sonhos começam a pesar nas pálpebras e o silêncio da cidade se torna absoluto.

§ § §

Compreendi que a função de um arquivista não é apenas consertar o que está rasgado, mas proteger os lugares onde o tempo decidiu parar para respirar.

No último dia de inventário na estação ferroviária, antes de devolver as chaves do pavilhão à administração central, subi em uma banqueta de madeira para examinar de perto a engrenagem travada do relógio.

Através do vidro empoeirado, pude ver o pequeno entalhe onde a chave de corda original deveria encaixar-se. Não tentei consertá-lo. Deixei o mecanismo em paz, tal como o ferroviário anônimo o deixara em 1978.

Descobri, ao descer da banqueta, que o valor das coisas ausentes reside precisamente na sua recusa em marchar ao ritmo do mundo moderno. Algumas histórias precisam de um relógio parado para continuar a existir.

CAPÍTULO IV: FRAGMENTOS DE UM ARQUIVO MENOR

Este apêndice reúne notas breves recolhidas nos cantos das mesas de trabalho e nos versos de fichas de catálogo descartadas entre os anos de 2018 e 2021. São resíduos textuais que não cabiam em relatórios oficiais.

Fragmento 01 — Sobre a Poeira

A poeira de um arquivo antigo não é sujeira comum; é o subproduto mineral da passagem dos séculos. Quando limpamos uma estante de peroba-rosa, estamos, em verdade, aspirando os restos mortais de milhares de leitores que passaram por aqui antes de nós.

Fragmento 02 — Sobre os Mapas Antigos

Os cartógrafos do século XIX desenhavam monstros marinhos nas bordas dos mapas não por ignorância geográfica, mas por honestidade poética: sabiam perfeitamente que o desconhecido sempre exige uma forma de temor reverente.

Fragmento 03 — Sobre as Cartas Perdidas

Toda carta que nunca chega ao destino converte-se em patrimônio público da melancolia. Ela passa a pertencer a quem tiver a paciência de decifrar o seu lacre quebrado.

Fragmento 04 — Sobre o Silêncio

O silêncio de uma biblioteca à meia-noite não é a ausência de som; é a soma de todas as vozes que decidiram calar ao mesmo tempo para que o leitor consiga ouvir o próprio pensamento.

Nota Final do Registrador:

Estes fragmentos encerram o primeiro ciclo de anotações do catálogo. O que veio depois — os ensaios sobre autômatos e o diálogo com as telas luminosas — nasceu diretamente deste solo de papel e poeira.

NOTAS DE TRANSIÇÃO

Concluído no final de dezembro de 2021, *O Catálogo das Coisas Ausentes* circulou inicialmente apenas em cópias encadernadas de forma artesanal, distribuídas entre amigos e colegas da conservação histórica no litoral sul.

Nenhum exemplar foi enviado a jornais literários ou editoras comerciais. A obra permaneceu como o registro privado de um ex-arquivista que encontrou na prosa curta a única maneira legítima de lidar com o peso do passado acumulado nas prateleiras.

> *"Escrever contos sobre objetos perdidos foi o meu modo de treinar o olhar para as rachaduras por onde o tempo costuma escapar."*

COLOFÃO EDITORIAL

O Catálogo das Coisas Ausentes foi composto tipograficamente em fontes de transição sobre papel de tom marfim envelhecido durante o inverno de 2021.

Esta obra integra oficialmente a bibliografia pregressa de **Arthur Pendelton**, incorporada ao acervo da **MARGEM 37**.

MARGEM 37

Para histórias à procura de uma margem.

ARTHUR PENDELTON

"O inventário das coisas ausentes é a nossa última defesa contra a maré do esquecimento."

NOTA DE ACERVO

Arthur Pendelton é uma persona literária fictícia criada com Gemini, e *O Catálogo das Coisas Ausentes* é uma obra produzida a partir dessa persona.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.

ACERVO FUNDADOR — MARGEM 37 (2021)